

A importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento de crianças institucionalizadas

Ana Aline da Rocha¹, Eduardo Fonseca Maciel², Michelle dos Santos Cassol³

¹⁻³Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade Federal de Santa Catarina

Notas sobre os Autores

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores deste artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas para o autor Michelle dos Santos Cassol, por meio do endereço de e-mail: micassol@msn.com

Resumo

Este trabalho objetiva investigar a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento de crianças institucionalizadas. Guiamo-nos pelo pressuposto de que o afeto é um aspecto fundamental para a formação psicossocial da criança, pois favorece vínculos seguros, promove experiências positivas e colabora para o bem estar dos indivíduos. Assim, considerando o abrigo como uma forma de cuidado alternativo destinado a crianças em situação de vulnerabilidade social e de risco, o presente estudo buscou compreender a maneira como esse cuidado é oferecido e os possíveis fatores que promovem e/ou dificultam a vinculação afetiva. Para contemplar essa proposta, foi realizada uma análise crítica do filme "*O contador de histórias*", articulando cenas da obra cinematográfica com as referências da literatura, no intuito de averiguar se as situações presentes no filme estão de acordo com os estudos sobre a temática do afeto no contexto institucional. Os resultados mostraram que a atuação do profissional da instituição de abrigo vai muito além de atender às necessidades

básicas de alimentação, cuidado e higiene, consiste em proporcionar à criança um atendimento humanizado diante do sofrimento vivido pela separação do vínculo materno. Por fim, conclui-se que a presença de uma figura de apego disponível e responsiva às necessidades individuais da criança acolhida colabora para a vinculação afetiva e funciona como facilitador do seu desenvolvimento socioemocional.

Palavras-chaves: afeto; vinculação afetiva; crianças institucionalizadas; cuidadores de abrigo.

Introdução

A infância é caracterizada como um período que compreende diversos e complexos processos, os quais abrangem as principais características do desenvolvimento, como a capacidade de os seres humanos estabelecerem vínculos e relações de apego uns com os outros. Nesse sentido, o apego é entendido como um mecanismo básico do desenvolvimento, uma vez que os indivíduos nascem inclinados a manterem um forte vínculo emocional com a mãe ou outro cuidador primário. No entanto, essa figura de apego precisa estar disponível e responsiva para atender às demandas da criança, a fim de gerar sentimentos de segurança e fortalecer a relação entre ambas (Cavalcante & Magalhães, 2012; Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Tendo em vista a importância do apego para o desenvolvimento humano, faz-se necessário investigar a forma como ele se apresenta nos vínculos em um espaço institucional que abriga crianças que foram destituídas de suas relações familiares, cujo contexto é marcado por cuidadores e figuras substitutas de apego. Desse modo, o aprofundamento no tema proposto permitirá, primordialmente, a análise da situação hodierna dentro dos abrigos. Mas, também, propor reflexões em relação ao cuidado e atenção destinados às crianças, haja vista o conceito socialmente construído das instituições ainda carrega os paradigmas de

orfanato e prisão de menores. Por fim, o alcance do trabalho poderá auxiliar uma melhor compreensão do tema, por parte dos profissionais da área, os quais terão acesso a este material de apoio, que pode somar aos seus serviços prestados.

A partir de tais conceitos, a característica de se apegar a outrem é inerente ao ser humano e está atrelada à sua sobrevivência, pois um bebê nasce inteiramente dependente de um/uma cuidador/a para manter-se vivo. Essa ligação primária, portanto, é fundamental para a sobrevivência da criança, visto que lhe proporciona proteção e cuidado; o que também inclui, o atendimento às necessidades mais básicas como alimentação e higiene (Cavalcante & Magalhães, 2012; Oliveira & Próchno, 2010).

Assim, o conceito de apego caracteriza-se pela ligação contínua e íntima, a qual a criança manifesta em relação à mãe ou cuidador. Enquanto que, o comportamento de apego define-se como aquele que a criança desempenha para se manter próxima de alguém, que geralmente é a mãe. Nesse sentido, a ligação emocional que mantém o bebê e a mãe, e/ou cuidador, próximos, contribui para a formação de vínculos. Bem como, orienta o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança (Alexandre & Vieira, 2004).

Bowlby (citado por Cavalcante, Magalhães & Pontes, 2007) assevera que a formação do vínculo e do apego são experiências determinantes nos primeiros anos de vida. Portanto, quando a criança não experimenta essa vivência afetiva, aumenta progressivamente a dificuldade em criar relações de vínculo e apego a alguém.

Neste aspecto, a vinculação afetiva da criança configura-se como segura quando a mesma desenvolve um sentimento de confiança em relação à mãe ou ao cuidador. Entretanto, caracteriza-se como insegura, quando apresenta dúvidas e falta de segurança em relação à responsividade de seus cuidadores. Tais comportamentos podem ser traduzidos como apego seguro e apego inseguro (Caieiro & Vieira, 2013).

Para Alexandre & Vieira (2004), o que predomina no comportamento de apego é a

intensidade da emoção que o acompanha. Essa emoção, no entanto, depende da qualidade da relação entre a pessoa apegada e a figura de apego, pois esta, será considerada boa quando a criança encontra satisfação e segurança. Mas, estará comprometida quando a criança vivencia ansiedade e angústia.

Ainsworth (citado por Caieiro & Vieira, 2013) afirma que, havendo rompimento dos laços afetivos a criança pode vivenciar dor e sofrimento, além de desenvolver sentimentos de revolta em relação à figura de apego. Outrossim, quando a criança vivencia inúmeras situações de apego inseguro, abre-se a possibilidade para que ela não consiga desempenhar comportamentos de vinculação nas situações adequadas. E, tampouco, saiba explorar o seu meio ambiente ou ter confiança em si mesma, eventos estes que podem ser comuns às crianças institucionalizadas.

Bowlby afirma que, caso a criança tenha pais afetivos e o ambiente em que vive seja formado por laços de amor e afeto, a mesma desenvolverá sensações de bem-estar e segurança, como também a confiança em si mesma. No entanto, se a criança está afastada do convívio familiar ou o contexto em que vive é hostil, é muito provável que surjam sentimentos de ansiedade e insegurança. E, ainda, de gerar prejuízos para o seu desenvolvimento, o que afetará as suas relações interpessoais (Caieiro & Vieira, 2013; Alexandre & Vieira, 2004).

Vale destacar também o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano proposto por Urie Bronfenbrenner, que inclui elementos como pessoa, processo, contexto e tempo para compor toda a trajetória do desenvolvimento humano. O referido modelo aponta para a importância do ambiente no qual a pessoa se desenvolve e as interações que a mesma estabelece com esse meio ao longo do tempo (Heumann & Cavalcante, 2018). Na perspectiva dessa abordagem, o desenvolvimento é entendido como um processo recíproco, que resulta da interação ativa do sujeito com as outras pessoas e os objetos do seu meio

imediatos. Por isso, a regularidade e a qualidade das relações estabelecidas pelo sujeito vão influenciar diretamente todas as fases do ciclo vital (Diniz & Koller, 2010).

Sobre o tema do afeto, trata-se de um dos principais elementos para o desenvolvimento humano saudável e harmonioso; e, por isso, é apontado como intrínseco à abordagem bioecológica. Desse modo, o afeto é caracterizado pela capacidade das pessoas de estabelecer relações, e criar vínculos com os outros sujeitos no meio em que estão inseridas (Diniz & Koller, 2010). A considerar o fato de que, as relações de afeto são fundamentais para o desenvolvimento humano, torna-se necessária a compreensão de como se estabelece o vínculo afetivo de crianças em contexto de acolhimento institucional. O acolhimento institucional é uma medida de proteção prevista em lei, que destina-se a crianças e adolescentes que estão sob ameaça ou em situações de violação de direitos. Atualmente, os dois programas de acolhimento são o institucional e o familiar, que tem por objetivo colocá-las a salvo de todo e qualquer tipo de negligência, discriminação, exploração, crueldade ou opressão (Brasil, 1990).

Apesar da proposta do acolhimento ser de proteção à criança vulnerável, nota-se, na maioria das vezes, a indiferença por parte das instituições, quando se trata da promoção de afeto. Além da ausência da figura de apego que ofereça segurança, o cuidado padronizado e impessoal inviabiliza a formação de vínculos afetivos, deixando a criança desamparada emocionalmente (Nascimento & Pedroso, 2013).

No que tange ao ambiente institucional, o modelo abordado por Bronfenbrenner aduz que o mesmo não se assemelha ao familiar e apresenta diferenças em todos os níveis do sistema ecológico (do microsistema ao macrosistema). Para o autor, em relação ao nível de microsistema, a rotina das instituições acolhedoras é considerada mais rígida e com uma maior carga de atividades pré-determinadas se comparada ao ambiente familiar. Ademais, os vínculos afetivos entre o cuidador e a criança não costumam ser próximos, pois

as experiências tendem a ser mais limitadas e as atividades e os espaços são pouco variados (Heumann & Cavalcante, 2018).

Bronfenbrenner (citado por Heumann & Cavalcante, 2018) afirma que, o ambiente institucional pode ser desfavorável ao desenvolvimento de crianças, quando o mesmo não for capaz de proporcionar experiências de interações nem entre elas, outras pessoas ou aos objetos que fazem parte do contexto, nem oportuniza o seu envolvimento em diferentes tarefas. Assim como, é prejudicial quando não possibilita que a criança possa realizar atividades de forma livre, inclusive para acessar estímulos diversos e interagir com pessoas que ocupam papéis diferentes dentro da instituição.

Por outro lado, o Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano enfatiza que os danos causados por uma institucionalização prolongada com pouco estímulos cognitivos e afetivos, podem ser evitados ou até mesmo revertidos. Para isso é necessário que o ambiente institucional permita a prática de atividades espontâneas, o engajamento em tarefas com certa regularidade, interações recíprocas com os cuidadores em diferentes tarefas, bem como a presença de uma figura estável para que se estabeleça uma relação de afeto ao longo do tempo (Heumann & Cavalcante, 2018; Diniz & Koller, 2010).

Ressalta-se ainda, que a institucionalização infantil pode ser considerada como um fator de risco ou proteção, ou seja, facilitar ou dificultar o desenvolvimento das crianças inseridas em tais contextos. Por conseguinte, ainda que pareça paradoxal, o contexto institucional pode causar prejuízos no desenvolvimento infantil, mas também reduzir os impactos negativos causados pela família de origem (Parra, Oliveira & Maturana, 2019).

Deste modo, há que se considerar que o contexto institucional nem sempre favorece o desenvolvimento infantil, pois geralmente apresenta um atendimento padronizado, poucos cuidadores para atender muitas crianças, baixa qualificação profissional, alta rotatividade de

funcionários, ausência de atividades que promovam a estimulação planejada, rede de apoio social e afetiva precária. Além do que, na maioria das vezes, a criança é quem tem que se adaptar ao padrão de atendimento da instituição, o que não lhe permite um cuidado individualizado que leve em conta a sua idade, seu histórico de vida e que se preocupe em proporcionar vínculos afetivos sólidos (Parra, Oliveira & Maturana, 2019).

Outrossim, quando a instituição acolhedora se preocupa com o estabelecimento do vínculo afetivo e oferece condições adequadas em termos de planejamento, organização e estrutura, além de profissionais qualificados para atuarem como cuidadores, é provável que a criança vivencie experiências positivas e estabeleça interações mais próximas (Bório, Gabatz, Milbrath, Schwartz & Vaz, 2020). Cumpre destacar que, o Modelo Bioecológico diz não ser possível afirmar se o ambiente da instituição é mais prejudicial ao desenvolvimento *a priori*, sem antes avaliar o conjunto de fatores (Heumann & Cavalcante, 2018). Destarte, o acolhimento institucional no contexto brasileiro, caracteriza-se como uma medida de proteção e sua principal finalidade é proporcionar às crianças em situação de risco, uma experiência de cuidado alternativo. Entretanto, é preciso rever a maneira como se estabelece esse cuidado, visando compreender a relevância da promoção de vinculação afetiva segura dentro do ambiente institucional. Posto isto, o intuito deste projeto de pesquisa é observar, por meio do filme “O Contador de Histórias”, de direção de Luiz Villaça, a importância dos vínculos afetivos de crianças em contexto de acolhimento institucional. Pois, a maneira como a criança se vincula afetivamente aos colegas, cuidadores e demais pessoas do abrigo, contribui significativamente para o seu desenvolvimento (Diniz, Assis & Souza, 2018).

Desse modo, no presente artigo, o seu objetivo geral trata-se por compreender a importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento de crianças em contexto de acolhimento institucional. E, como objetivos específicos, procurar-se-á caracterizar as interações entre cuidador e criança que favoreçam o vínculo afetivo no contexto

institucional; e, identificar comportamentos que prejudicam o vínculo afetivo no ambiente de contexto de acolhimento institucional.

Método

Descrição do material utilizado para análise

Para cumprir com os objetivos propostos no presente artigo, será realizada uma análise do filme “O Contador de Histórias”, que foi lançado em 07 de agosto de 2009. A obra cinematográfica dirigida por Luiz Villaça é baseada em fatos reais e narra a história de vida de Roberto Carlos, um menino pobre e negro da cidade de Belo Horizonte, que na década de 1970 foi deixado por sua mãe na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM), no intuito de salvá-lo da vida miserável em que viviam e garantir-lhe uma boa educação.

O menino Roberto mantinha o lúdico e a fantasia que lhes são próprios da infância, mas ao ingressar na FEBEM percebe-se em situação de desamparo, desprovido de amor e de afeto, além de sofrer discriminação. Com a chegada da pedagoga francesa Margherit Duvas na instituição, o destino de Roberto muda completamente, tendo em vista que a mesma passou a investir na educação e no cuidado da criança.

Participantes

Os personagens a serem analisados foram selecionados devido a influência que tiveram no desenvolvimento de vínculos afetivos do protagonista (criança em contexto de acolhimento institucional). Além de Roberto Carlos (protagonista), a pedagoga Margherit e o adolescente Cabelinho de Fogo serão analisados.

Roberto Carlos: menino negro, de olhos castanho escuro, cabelo preto curto e crespo.

Roberto tem 13 anos de idade, foi institucionalizado aos 6 e após muitas fugas da FEBEM, é considerado um caso perdido. Seu vocabulário é repleto de palavrões e ofensas, além de

aparentar ser agressivo com os adultos que tentam se aproximar. No decorrer do filme, após a aproximação de Margherit, Roberto vai ficando mais maduro e sensível, passando de uma criança que age sem pensar e que por vezes se expressa verbalmente agressivamente, para uma que escuta, que demonstra interesse em aprender, além de ser mais tranquila.

Margherit Duvas: mulher branca, de olhos claros, cabelo castanho escuro e ondulado na altura do ombro, estatura mediana, aparenta ter pouco mais de 40 anos de idade. É uma pedagoga francesa que vai para o Brasil realizar uma pesquisa com crianças na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor de São Paulo (FEBEM), onde conhece Roberto. Margherit é uma mulher calma, paciente e educada que aos poucos vai conquistando a confiança de Roberto e acaba por adotá-lo.

Cabelinho de Fogo: adolescente branco, de olhos castanhos claros, cabelo castanho claro curto e encaracolado, estatura mediana. Cabelinho de Fogo tem 17 anos de idade, e está na instituição FEBEM desde pequeno, e em dado momento passou a fugir e roubar nas ruas. Seu vocabulário é repleto de palavrões e ofensas, além de ser fisicamente agressivo. No decorrer do filme encontra com Roberto três vezes, sendo as três consideradas sequências de acontecimentos traumáticos para ele.

Procedimento

O estudo teve como procedimento a análise do filme "O Contador de Histórias", que foi assistido individualmente pelos autores e analisado a partir de três categorias de análise: ameaça, afeto e situações aversivas envolvendo maus tratos. Tais categorias foram criadas com base na observação das interações entre a cuidadora Margherit e o menino Roberto no contexto de acolhimento institucional. Para isso foram selecionadas as cenas que demonstram como a vinculação afetiva promove um desenvolvimento positivo e as cenas que demonstram

as situações negativas para o desenvolvimento da criança, articulando-os com artigos e textos sobre a temática escolhida, como já apresentados na introdução deste artigo.

A seguir serão listadas e descritas as categorias de comportamento que serão utilizadas para analisar o filme:

Ameaça: se dá por meio de palavras ou ações que amedrontam e envolve insinuações de que algo ruim vai acontecer caso a criança não se comporte da forma esperada; ocorre quando o adulto promete fazer algo que a criança não gosta; ocorre quando o adulto propõe uma consequência severa ou priva a criança de algo que ela gosta, geralmente relacionado a um comportamento que ela está realizando ou que possa vir a fazer, em detrimento de ordem e estabelecimento de regras rígidas.

Situações aversivas envolvendo maus tratos: acontece quando a criança é submetida a privação de liberdade, a ofensas e a coerção, que por sua vez acabam gerando mal estar na mesma. Podem ser consideradas aquelas situações que envolvem: castigo físico ou psicológico, bem como adição de estímulo aversivo ou retirada de estímulo positivo com finalidade de reduzir a possibilidade de determinado comportamento voltar a acontecer.

Afeto: ocorre por meio de beijos, abraços, carícias e sorrisos. Pode ser expressado pela realização de algo agradável para a criança, como ler uma história, preparar o lanche favorito, usar tom de voz suave, oferecer colo, fazer passeios, brincar, elogiar, orientar, ensinar e escutar, além de agir de maneira respeitosa e responsiva.

Resultados e Discussão

Nessa seção do artigo serão apresentadas as descrições das cenas relacionadas com as categorias de comportamento pré-definidas e, logo em seguida, será realizada a análise do conteúdo articulando com as referências da literatura.

Ameaça

Como vimos na seção anterior (2.3.1 Categorias de Comportamento), a ameaça ocorre quando alguém fala ou age de forma intimidativa com objetivo de controlar certo comportamento de outra pessoa, insinuando que algo ruim irá acontecer caso não se comporte da maneira desejada. Nesta categoria, analisaremos os efeitos causados na criança quando a ameaça é frequentemente utilizada como regulador do comportamento.

Descrição (48:44 min ~ 49:00 min):

Roberto estava há pouco tempo vivendo na FEBEM e a mãe foi visitá-lo. Ele está sentado no pátio da instituição com sua mãe, algumas crianças estão brincando no mesmo ambiente. Roberto, olhando para o chão, com as duas mãos cruzadas no colo, diz: - Eu quero ir pra casa.

A mãe, que estava observando as crianças brincando, olha para o filho e diz: - Você vai se acostumar, Roberto.

Roberto nega com a cabeça.

A mãe continua: - Aqui ocê não tem uma cama só pra ocê? Não tem escola? Não tem comida? Aqui é bom Roberto.

Ela olha novamente para o pátio.

Roberto, ainda olhando para o chão, indaga: - Ocê não que mais eu né mãe?

A mãe olha novamente para o filho e, levantando a mão, fazendo um gesto de palmada, ameaça: - Se ocê perguntar isso de novo, te dou uma surra.

A cena descrita, em que a mãe utiliza de coerção para regular o comportamento do filho, configura-se como ameaça de punição física, definida por Carmo & Alvarenga (2012) como: descrição de uma futura ou possível apresentação de um estímulo aversivo que causasse dor ou danos físicos. Esse tipo de conduta violenta prejudica o desenvolvimento saudável no que tange o social e emocional da criança, podendo gerar comportamentos antissociais, ansiedade, agressividade e, em casos mais severos, depressão.

Os riscos provocados pela ameaça de punição física, acentuam-se ainda mais quando verifica-se que essa ameaça se deu devido ao comportamento de um pedido comum de uma criança que fora afastada do lar. Ao falar para a mãe que quer voltar para casa, Roberto expressa a falta que sente do lar e o desejo de proximidade para com sua figura de apego.

Quando a mãe argumenta que a FEBEM é um bom lugar e o menino rebate com “*ocê não qué mais eu né mãe?*” fica aparente o sentimento de abandono presente em sua fala. Ao invés de acolhê-lo e demonstrar empatia com os sentimentos do filho, a mãe o ameaça, privando-o (mesmo que involuntariamente) emocionalmente.

Posteriormente, a mãe -figura de apego de Roberto-, acaba tendo seu vínculo com o filho enfraquecido, uma vez que ao levá-lo para viver na FEBEM, o contato diário dos dois é restrito a momentos raros de visitação, onde, como apresentado na cena, ocorre juntamente aos das outras crianas. A perda de vínculo com a mãe verifica-se como fator de risco para o desenvolvimento de Roberto.

“Segundo Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), os fatores de risco são condioes ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis” (Maia & Williams, 2005, p. 92). Um exemplo de fator de risco presente na cena apresentada   a violência psicológica - ocorre quando alguém é submetido a ameaas, humilhaoes e privaao emocional. Como consequência da exposiao   violência psicológica a criana pode vir a desenvolver: sentimentos de revolta em relaao   figura de apego, pensamentos intrapessoais (medo, baixa-estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas etc), falhas emocionais (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias), prejuízos nas habilidades sociais (comportamento anti-social, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinq ncia e criminalidade), entre outros (Maia & Williams, 2005).

Durante sua trajetória na FEBEM, as possíveis sequelas desenvolvidas por Roberto por conta de uma infância em desamparo, estão apresentadas acima, entre elas, destaca-se o abuso de drogas. Tal fato pode ser observado na cena a seguir.

Descriao (1:02:52 min ~ 1:03:22 min):

Margherit encontra Roberto sentado no chão cheirando Tíner. Ela pergunta: - O que você está pensando?

Roberto responde: - Nada uai.

Margherit arranca a lata de Tíner da mão do menino, coloca na prateleira e grita: - Nunca mais quero que você faça isso, entendeu? Nunca mais!

Ela se aproxima de Roberto e, com o dedo apontando para ele, segue falando alto: Pra ficar aqui você tem que seguir regras, e a regra é que aqui não pode cheirar, nem fumar, nada. E sabe porquê? Porque na minha casa você tem treze anos.

Roberto rebate: - Pensa que é minha mãe?

Margherit: - Não sou. Mas se você quer ficar, não pode fazer mais isso, não pode!

Essa cena se transpõe como ameaça, pois Margherit ameaça tacitamente que se Roberto continuar se drogando terá que ir embora de sua casa. Apesar de impor uma consequência severa ao comportamento de Roberto, a ameaça se configura como regulação protetiva de comportamento, uma vez que serve para controlar o problema do menino com drogas. Práticas que protegem a criança e diminuem a probabilidade da mesma desenvolver problemas como agressão, uso de drogas, raiva, desordem de conduta, etc, caracterizam-se como mecanismos protetores (Maia & Williams, 2005).

Considerando que Roberto estava desenvolvendo forte vínculo afetivo com a pedagoga, ele tende a enquadrar-se em suas regras, posto que para manter-se perto da figura de apego, a criança desempenha certos comportamentos capazes de fortalecer a relação. Sendo assim, a ameaça de Margherit é tida como uma regulação eficiente de comportamento.

...apesar da influência dos pares ser a principal razão para o adolescente iniciar comportamentos negativos, uma análise mais cuidadosa apontou para a preocupação dos adolescentes com a desaprovação dos pais referente ao uso de álcool ou drogas, como principal razão para não usá-los (Maia & Williams, 2005, p. 98).

Cabe observar que a ameaça rigorosa da pedagoga foi em decorrência de um comportamento inaceitável vindo de um menino de 13 anos de idade. Contudo, não se considera a melhor forma de regulação do comportamento, pois existem outras formas de orientar e dar disciplina que não se relacionam com práticas coercitivas, uma vez que estas

aumentam a probabilidade de gerar condutas agressivas e desregulamentação emocional (Carmo & Alvarenga, 2012).

Situações aversivas envolvendo maus tratos

A seguir serão analisadas três descrições de cenas que apresentam uma situação de abuso sexual e as consequências que elas tiveram em Roberto ao decorrer do filme. As situações aversivas na infância afetam a criança, de modo a causar respostas prejudiciais à própria nas diversas situações da vida.

Descrição (Cena 1: 15:25 min ~ 19:07 min):

Roberto olha fixamente, paralisado, admirando Cabelinho de Fogo enquanto, em sua visão fantasiosa, pessoas sobem a escadaria até ele e simplesmente o entregam seus pertences, e seu “eu do futuro” diz: “O Cabelinho de Fogo era o rei da rua, eu queria ser que nem ele. O cara tinha tanta moral que nem precisava roubar; era só ele chegar perto das pessoas que elas iam entregando as coisas pra ele.” Então anda até Cabelinho de Fogo, que está acompanhado de três amigos, e após receber ameaças e xingamentos diz “eu quero entrar na sua turma; eu fumo maconha, eu cheiro Tiner” e mostra o dinheiro que havia roubado, que prontamente lhe é retirado e ele responde xingando. Prontamente os quatro avançam juntos para cima dele, e é quando repete: “eu quero entrar na sua turma”, e Cabelinho de Fogo diz que precisará fazer um teste. Eles andam pela cidade, passando por pontes e vielas, até chegar nos trilhos de trem, um local isolado, e lá Cabelinho de Fogo diz “abaixa as calças”, e como não o faz de imediato começam a agredi-lo com socos, chutes e xingamentos. Em seguida Roberto é arrastado enquanto falam agressivamente o zombando: “você quer entrar pra turma? É agora que você vai entrar pra turma, é agora que você vai entrar; não queria entrar pra turma em? Agora vai ter que ser a mulher da gente”, então abaixam sua bermuda, e enquanto sofre abusos sexuais ele grita “Ai, para! Para!” A cena troca para momentos após a violência, com ele andando pelos trilhos até que se deita em um deles e o seu “eu do futuro” diz: “naquele dia eu queria morrer, mas nem isso eu consegui” e o trem passa no trilho ao lado.

Descrição (Cena 2: 1:05:15 min ~ 1:05:50 min):

Em uma grande feira, enquanto pegava frutas, Roberto avista Cabelinho de Fogo e imediatamente fica assustado e com medo, de olhos arregalados, paralisado, até que larga tudo que tinha na mão e corre para a proteção de Margherit, sempre se escondendo atrás de paredes e mesas repletas de fruta, e ela sem entender a inquietude de Roberto indaga: “que que foi Roberto?” e ele apenas responde: “nada.” Eles então se dirigem à saída, mas Roberto está vigilante e inquieto, olhando para os lados sem parar.

Descrição (Cena 3: 1:09:50 min ~ 1:16:32 min):

Roberto vai à janela ver quem tocou a campainha e chegando lá seu sorriso desaparece, pois vê Cabelinho de Fogo entrando no terreno. Imediatamente corre para fora da porta e seu "eu do futuro" diz: "quando vi o Cabelinho no portão, eu fiquei desesperado; eu não podia deixar ele entrar na casa dela." Então, Roberto retorna os poucos passos que deu, mas Cabelinho de Fogo está com o braço apoiado em volta de seu pescoço e ele diz: "eai pivete, cê tava com saudade de mim?" Eles entram pela porta e Margherit cumprimenta e ambos ela e Cabelinho de Fogo se apresentam, ele dizendo que é amigo de Roberto. Cabelinho de Fogo começa a entrar na casa até que Margherit lhe pergunta: "vocês se conhecem da FEBEM?" e ele responde: "é, da rua também, né pivete?", ao qual Roberto, com medo da situação, diz em baixo tom: "é". Cabelinho de Fogo diz que está com fome, e Margherit com um sorriso desconfortável diz que vai preparar algo, e os deixa a sós. Então Cabelinho de Fogo, enquanto mexe nos pertences da casa invasivamente e desrespeitosamente - botando pés na mesa, xingando e insinuando roubo -, procede em dizer sobre "quão bem Roberto havia se dado" repetidamente, insinuando que ele também estaria tendo relações sexuais com Margherit. Então, enquanto pega coisas para roubar, Cabelinho toca no assunto sobre a entrada na turma: "desistiu da turma pivete? Cê passou no teste, agora você pode fazer parte da turma", Roberto não fala nada, até que Margherit o chama e ele vai com dois pássaros de porcelana na mão, que Cabelinho queria roubar. Chegando lá, ela delicadamente os tira de sua mão e indaga sobre a relação dos dois: "Você nunca me falou sobre esse cabelinho, ele é seu amigo mesmo?" e Roberto responde "não? Me esqueci", até que sai correndo desesperado por ver Cabelinho subindo as escadas silenciosamente, olha por todas as portas rapidamente, e o encontra deitado na cama de Margherit. Ele repetidamente insinua para chamá-la para ter relações, enquanto Roberto tenta mandar que saia da cama. Margherit chama os dois, fazendo com que Cabelinho saia da cama, e então começa a ser fisicamente agressivo com Roberto, pegando em sua gola e levantando, falando para roubarem tudo; fala ironicamente que ela não irá adotá-lo, zombando dele. Cabelinho então o solta e pega para ver o gravador, Roberto então parte para cima dele pulando e puxando, tentando recuperar o aparelho; Cabelinho o empurra no chão e corre para ir embora com o gravador, e Roberto o segue correndo desesperado e é empurrado para o chão enquanto é xingado e chutado; até que recupera o aparelho, mas Cabelinho não satisfeito, o agride e xinga ainda mais. Roberto volta para a casa na cena seguinte, e encontra Margherit fumando inquieta e preocupada (olhando de um lado para o outro, pensativa), e assim que abre a porta ela levanta rapidamente da poltrona da sala e vai até ele, que chega sem esboçar expressões, com o rosto vermelho de socos e chutes, a roupa completamente bagunçada e o gravador em mãos, e o entrega a ela. Ela calmamente e com um olhar preocupado passa a mão em seu rosto e então o repreende: "você brigou né? Nunca mais faz isso! Nunca mais! Vai tomar um banho! Vai logo!"

Como descrito na cena 1, Roberto era uma criança muito influenciável, de modo que a visão dele sobre Cabelinho de Fogo o levou a se submeter a agressões e a um teste para ser aceito. O modo que a criança vincula afetivamente contribui significativamente para seu desenvolvimento (Diniz, Assis & Souza, 2018), e vimos no filme que as únicas relações que

ele mantinha dentro da instituição eram com seus amigos, e isso se tornou um problema, porque para ele, as ações de tais amigos tinham mais valor que dos adultos da instituição. A constância e a qualidade das relações possuem grande peso no desenvolvimento do indivíduo (Diniz & Koller, 2010).

A vida que ele levava nas ruas, abusando de drogas e roubando — assim como ele descreve na primeira cena: "eu fumo maconha, cheiro Tiner" e mostra o dinheiro que havia roubado — se dá pelo ambiente que lhe foi apresentado dentro da instituição, na qual fora deixado por sua mãe e que nela não conseguia mais confiar; ele se via abandonado. Disso resultou a admiração que ele tinha pelo Cabelinho de Fogo, uma figura que impunha medo e que era bom no que fazia: roubar. Infelizmente, uma figura que causa mal aos outros não poderia fazê-lo bem, e a decisão de Roberto de se aproximar dele foi brutal, e foi violentado. O comportamento de apego que ele demonstrou foi muito negativo, resultando em constante ansiedade e angústia devido à resposta que Cabelinho e sua turma deram (Alexandre & Vieira, 2004).

Na escadaria mencionada na cena 1, onde Roberto o admirava, deu um voto de confiança para o "teste", após sofrer pequenas agressões, o qual não tinha noção alguma sobre o que seria, e inocente como foi, andou até um local deserto. Neste momento ele foi traído pela pessoa a qual ele se espelhava e almejava ser; e após o abuso sexual, ele andava como um derrotado (rosto sem expressões, se ajoelhou e desistiu), buscando o suicídio mas sem coragem para fazê-lo. É importante ressaltar que no decorrer do filme, salvo as interações com o perpetrador, ele não conta a ninguém sobre o ocorrido, de certa forma faz um voto de silêncio. É possível interpretar que ele tenha sentido culpa ou remorso — culpa ou remorso por sua própria inocência. E outro fator para o silêncio seria o medo de não ser acreditado e de se tornar o delator de uma pessoa tão "importante" no meio de seus amigos que também roubavam (Boton et al., 2017).

Para Roberto, a paciência e o acolhimento de Margherit foram de suma importância em lidar com a situação, já que ela se demonstrou preocupada mesmo com uma pessoa que acabara de conhecer, uma situação que não via há anos, devido ao abandono da mãe e aos maus tratos dentro da instituição. Como descrito na cena 2 e 3, ele via nela um porto seguro e um objeto a proteger, visto que recorreu à sua companhia quando avistou o Cabelinho de Fogo na feira, e como tentou afastá-lo da casa, assim como proteger seu valioso aparelho de gravação. Embora ela não fizesse parte da instituição, sua personalidade junto à sua formação como pedagoga se alinharam para construir um ambiente favorável ao seu amadurecimento, e proporcionaram diversas experiências positivas antes de adotá-lo (Bório et al., 2020).

Afeto

Este eixo temático analisou como o vínculo afetivo foi sendo estabelecido entre os personagens e como o afeto pode colaborar para um desenvolvimento saudável de crianças em contexto de institucionalização. Assim, foram selecionadas cenas do filme que demonstram como a vinculação afetiva com a cuidadora Margherit funcionaram como facilitadores do processo de desenvolvimento de Roberto.

Descrição (2:59 min ~ 6:55 min):

Roberto está sendo conduzido pelos braços por dois agentes da FEBEM após ser recapturado de uma fuga. Momento em que Margherit está conversando com a Diretora da FEBEM, que ao ver Roberto passar faz a seguinte pergunta: "O que aconteceu com aquele menino?". A Diretora responde: "Foi recapturado." (pausa). "De novo!" E em seguida muda de assunto. Margherit insistentemente continua a perguntar: "O que ele fez?" e a Diretora diz: "Roberto fugiu de novo. Ele foge toda hora, esse menino é um problema. A gente já tentou de tudo com ele, mas parece que não adianta". Margherit insiste: "Quantos anos ele tem?" e a Diretora responde: "Treze (pausa). Já rouba, já fuma, cheira cola (pausa). É irrecuperável!" Neste momento, Margherit dirige-se até Roberto, que está sentado em um banco. Margherit olha nos seus olhos, sorri e faz a seguinte pergunta: "Oi, por favor, eu posso conversar com você?". Roberto mantém-se de cabeça baixa e a voz do narrador diz o seguinte: "Eu achei aquilo muito estranho. Ninguém nunca tinha me dito por favor". Após isso, Margherit com um gravador na mão, diz o seu nome e busca um diálogo com Roberto, que se mantém em silêncio. Ao perceber que Roberto não vai lhe

responder nada, Margherit se afasta e agradece por seu tempo. Momento em que Roberto lhe faz a seguinte pergunta: "Minha voz vai ficar guardada aí dentro?" e complementa: "A Dona quer saber como eu vim parar aqui?" Depois de responder afirmativamente às perguntas de Roberto, Margherit volta a sentar-se ao seu lado e escuta atentamente o que lhe é dito.

Roberto Carlos tem 13 (treze) anos de idade e está acolhido na instituição de abrigo desde os 6 (seis), quando foi deixado pela mãe. Margherit Duvas é uma pedagoga francesa que está no Brasil para realizar uma pesquisa acadêmica com crianças da FEBEM de Belo Horizonte/MG. O primeiro contato de Margherit com Roberto, no entanto, ocorreu numa ocasião em que Roberto estava sendo recapturado pelos agentes da FEBEM.

Pela cena descrita anteriormente, é possível perceber que antes da chegada de Margherit na instituição, as figuras de apego disponíveis na FEBEM tratavam Roberto como um problema e como alguém irrecuperável. O que pensa e como age a diretora, demonstra uma forma específica de cuidado e atenção destinadas às crianças do abrigo, na qual "persiste a imagem da infância em risco como uma ameaça que se volta contra a própria sociedade e que de algum modo representa problema às pessoas que estão ao seu redor" (Magalhães, Costa & Cavalcante, 2011, p. 819-820).

As estratégias utilizadas e as ações dos cuidadores substitutos presentes na FEBEM, influenciaram negativamente no comportamento e no desenvolvimento socioemocional de Roberto, que via na fuga uma forma de escapar da repressão física e psicológica vivida dentro da instituição. Assim, percebe-se que as experiências vividas dentro da instituição não permitiram que o menino estabelecesse vínculos afetivos com os seus cuidadores, mantendo relações pouco estáveis com os adultos e com implicações na autorregulação de seu comportamento (Caieiro & Vieira, 2013; Magalhães, Costa & Cavalcante, 2011).

Destarte, a falta de uma figura de apego responsável e sensível às demandas de Roberto somada à experiência de abandono vivida após a mãe deixá-lo na instituição, bem como o ambiente hostil, levaram Roberto a desenvolver apego inseguro e incapaz de ter

confiança em si mesmo. Eventos que são considerados comuns, quando crianças institucionalizadas não contam com a presença de uma figura de apego seguro (Caieiro & Vieira, 2013).

Além do mais, na cena anterior, Roberto expressa em seu pensamento a estranheza nas palavras de Margherit, pois "*ninguém nunca tinha me dito por favor*". Tal ideia denuncia o desrespeito e a qualidade das interações que Roberto mantinha com os cuidadores da instituição, mas, por outro lado, chama a atenção para o fato de que uma comunicação respeitosa favorece uma relação de confiança. É a partir da percepção de Margherit e na oportunidade colocada por seu trabalho, que aos poucos a imagem equivocada de menino irrecuperável vai sendo destruída e dá lugar a um Roberto confiante e seguro, como demonstrado em várias cenas do filme.

Descrição (32:50 min ~36:17 min):

Roberto Carlos e Margherit sentam-se à mesa para tomar café da manhã. O menino se mantém quieto e de cabeça baixa. A pedagoga, com uso de tom de voz suave, pergunta se Roberto não quer falar nada. Diante do silêncio do menino, Margherit começa a narrar um pouco da sua história de vida. A pedagoga conta que nasceu na França, fala a sua cor preferida, sua profissão, seu signo, a estação do ano predileta, que gosta mais do dia que da noite e que adora andar de bicicleta. Roberto segue escutando atentamente, enquanto Margherit continua a falar de si. Margherit diz que sua comida preferida é "coq au vin", que é galinha cozida com vinho, um prato típico da culinária francesa e que está no Brasil para estudar, por isso quer saber a história de vida de Roberto. O menino diz: "A dona fala muito estranho" e a pedagoga sorri e responde que de onde ela mora as pessoas falam como ela, pois é uma língua diferente. A seguir, Roberto Carlos usa uma linguagem diferente e Margherit diz que não entendeu nada. O menino diz que é assim que se fala na rua. Margherit sugere que os dois façam uma troca, que o menino ensine sua língua e que ela ensinará francês. Margherit ensina uma frase em francês e propõe que Roberto pergunte sobre os objetos à sua volta. Em seguida, o menino pergunta e aponta para os objetos ao redor e Margherit os nomeia em francês. Após, o menino aponta para o gravador e Margherit pergunta se o mesmo quer contar sua vida para ele e diz o seguinte: "Vamos fazer um negócio? Você fica aqui uma semana e em troca me conta a sua vida? Aceita?" A voz do narrador narra: "Eu aceitei e contei a minha história para ela".

De acordo com Caieiro & Vieira (2013), os indivíduos nascem inclinados a se apegar, uma vez que a vinculação afetiva é um processo psicológico indispensável para o

desenvolvimento dos seres humanos. O vínculo afetivo é caracterizado pela ligação contínua e íntima que a criança estabelece com a mãe ou outro cuidador. No entanto, a figura de apego, representada pela mãe ou por um substituto, precisa estar disponível e responsiva para atender às demandas da criança, a fim de gerar sentimentos de segurança e fortalecer a relação entre ambas.

Na cena anteriormente descrita, é possível observar que Margherit busca vincular-se a Roberto por meio de um diálogo respeitoso e de um cuidado individualizado, a fim de ganhar sua confiança e reciprocidade. A sua ação é mais intensa, mas conta com a participação do menino, que aos poucos vai cedendo e estabelecendo uma ligação mais íntima com a cuidadora.

Ao sentar-se ao lado de Roberto para tomar café da manhã, Margherit prioriza um atendimento personalizado, ação que possibilita à criança ter uma percepção positiva em relação à cuidadora, o que é importante para a formação do apego. Sobre a questão, Diniz, Assis & Souza (2018) afirmam que crianças institucionalizadas que recebem um cuidado individualizado apresentam melhor desempenho no seu desenvolvimento emocional, além de favorecer a formação de vínculos afetivos e colaborar para a diminuição dos impactos provocados pela separação do vínculo materno e familiar.

Deste modo, ao transmitir segurança e disponibilidade, Margherit oportuniza a Roberto contar sua história, que tomado por um sentimento de confiança e bem estar, consegue ir estabelecendo uma relação de afeto com a cuidadora. Assim, a vinculação afetiva inaugura-se por meio de um sentimento de apego e constitui-se como um processo adaptativo, que vai sendo elaborado de forma singular pela criança ao longo do tempo (Caieiro & Vieira, 2013).

Cabe destacar que, para que se possa estabelecer ligações afetivas duradouras, a criança necessita de uma figura estável e disponível para atender suas demandas pessoais.

Desta forma, é importante que as atividades destinadas à criança institucionalizada ocorram com certa frequência e promovam o seu engajamento nas diferentes tarefas, pois são a qualidade dessas ações que vão permitir experiências positivas e o estabelecimento da vinculação afetiva com o cuidador (Diniz & Koller, 2010).

Descrição (1:22:07 min ~ 1:24:28 min):

Roberto e Margherit chegam num estádio de futebol. Há várias pessoas no local. Roberto fica parado. Margherit se aproxima e pergunta: "O que foi Roberto?" Roberto faz sinal com a cabeça. Na sua frente tem alguns policiais que estão fazendo a revista nos torcedores. Margherit diz: "Qual o problema?" Roberto caminha pra trás e responde: "Não vão deixar eu entrar. Eles vão me pegar!" Margherit vai na sua direção e o puxa pela mão: "Vamos!" Roberto se aproxima do policial que o revista. Em seguida, Margherit diz: "Viu?" e o menino responde: "É porque a madame tava aqui". Margherit pega na mão de Roberto e diz: "Vem cá!" Os dois saem caminhando e entram em um banheiro. Apoando as mãos nos ombros de Roberto, Margherit posiciona o menino em frente ao espelho e diz o seguinte: "Olha no espelho! Por que alguém ia te prender? Olhe pra você! Você não acha que a sua vida mudou? Que você mudou?" e o menino diz: "Mas eu continuo preto!" Margherit responde mais uma vez: "E daí? Quem dera eu tivesse a sua cor, Roberto. Deus coloriu o mundo todo, mas esqueceu de colorir nós que somos brancos. Eu sou tão 'blanche', não posso tomar um raio de sol que fico logo um 'ruge', como um camarão. Vermelha." Os dois continuam olhando para o espelho e sorriem e, logo após, saem do banheiro.

Essa cena traz um aspecto importante que é a figura do cuidador e a sua influência no desenvolvimento socioemocional da criança institucionalizada. Para Diniz, Assis & Souza (2018, p. 273) "o cuidador exerce a função de mediador no desenvolvimento de muitos comportamentos da criança" e por isso seu papel merece destaque.

Durante os longos anos em que foi acolhido na FEBEM, Roberto acumulou experiências negativas, que influenciaram direta e indiretamente no seu comportamento. Pela cena descrita anteriormente, no entanto, é possível observar que Margherit promove um acolhimento adequado diante da situação de insegurança vivida no estádio de futebol. Por isso, ao destacar as qualidades de Roberto, Margherit oferece amparo e proteção, fatores que contribuem para a autoestima do menino e no fortalecimento dos laços afetivos entre eles.

De acordo com Bowlby (citado por Caieiro & Vieira, 2013), quando a criança se sente segura em relação ao cuidador, ela consegue desenvolver autoconfiança e sentimentos de segurança. O cuidador, portanto, passa a ser seu "porto seguro" diante das mais diferentes situações adversas ou de perigo.

Nesse sentido, o trabalho do profissional da instituição de abrigo vai muito além de atender às necessidades básicas de alimentação, cuidado e higiene, compreende em perceber as manifestações individuais e principalmente proporcionar à criança um acolhimento humanizado diante do sofrimento vivido pela separação do vínculo materno (Diniz, Assis & Souza, 2018). Por conseguinte, considera-se que o papel do cuidador é fundamental, pois o modo que o mesmo se vincula a criança pode contribuir de maneira decisiva no seu desenvolvimento como um todo e amenizar os impactos negativos da institucionalização.

Considerações Finais

O afeto é considerado um fator importante no desenvolvimento infantil, pois favorece vínculos seguros, promove experiências positivas, além de colaborar para o bem estar dos indivíduos. A construção de vínculos afetivos é fundamental para a formação psicossocial da criança, por isso é necessária que aconteça em todas as fases da vida e em todos os contextos em que a criança está colocada.

O acolhimento institucional no Brasil é uma medida protetiva prevista em lei, que destina-se a oferecer um cuidado alternativo e provisório às crianças e adolescentes que estão sob ameaça ou em situações de violação de direitos, colocando-as a salvo de todo e qualquer tipo de negligência, discriminação, exploração, crueldade ou opressão. Desta forma, considerando a importância do afeto no desenvolvimento humano, buscou-se analisar a forma como ele se apresentou nos vínculos estabelecidos pelo personagem Roberto dentro da instituição FEBEM.

A análise das cenas do filme “O contador de histórias” mostrou-se relevante para a compreensão da importância do afeto de crianças em instituições de acolhimento. Quando deixado na FEBEM, Roberto rompeu os laços afetivos com a mãe e, conforme já analisado, experienciou momentos de sofrimento e provável revolta provocado pelo sentimento de abandono em relação à sua principal figura de apego. Durante a trajetória na FEBEM o menino não desenvolveu vínculos afetivos com os cuidadores, mas vivenciou inúmeras situações de apego inseguro com seus colegas de instituição.

O rompimento do vínculo materno e familiar e a ausência de uma figura de apego disponível na FEBEM, dentre outros fatores, ocasionaram impactos negativos no seu desenvolvimento emocional, corroborando para a dificuldade de Roberto desenvolver relações de afeto e de apego seguro. Por outro lado, ao se mostrar responsiva e oferecer segurança à Roberto, Margherit abre espaço para o início de uma vinculação afetiva segura. Assim, constatou-se que o ambiente afetivo oferecido por Margherit foi essencial para que Roberto recuperasse a confiança em si mesmo e desenvolvesse sensação de bem estar, diferentemente do oferecido na FEBEM - que promovia sentimentos de ansiedade e insegurança.

Deste modo, compreende-se que o ambiente hostil e a falta de uma figura de apego disponível para Roberto na FEBEM, afetou negativamente o seu desenvolvimento e suas relações interpessoais. Em contrapartida, o estabelecimento do vínculo afetivo com Margherit funcionaram como facilitadores do seu processo de desenvolvimento, pois permitiu a Roberto buscar apoio, carinho e proteção.

Levando-se em consideração esses aspectos, pode-se dizer que a institucionalização de crianças tem impactos negativos no desenvolvimento emocional, tais como: o rompimento do laço materno e familiar, a falta de figuras substitutas de apego e de vínculos afetivos alternativos, o atendimento padronizado e o cuidado impessoal. Destaca-se também o

ambiente hostil, a disciplina rígida de caráter corretivo-repressivo e de contenção, a ameaça, dentre outras situações aversivas que envolvem maus tratos, situações que podem trazer consequências traumáticas para a criança e para o desenvolvimento da sua personalidade.

Nesse âmbito, o papel do cuidador merece destaque, pois é a figura que mantém-se mais próxima da criança institucionalizada e que está apta a amenizar os impactos negativos provocados pelo abrigo. Para isso, requer ao profissional preparo e qualificação, a fim de transmitir à criança sentimentos de confiança e conforto, possibilitar um cuidado individualizado, ser um facilitador de vínculos afetivos e de apego seguro, além permitir que o espaço institucional seja acolhedor e possível para uma infância saudável.

Em virtude do que foi mencionado, é indispensável que as ações dos profissionais que atuam no contexto de institucionalização levem em conta a situação de vulnerabilidade social e de risco, que se encontram muitos meninos e meninas. Portanto, é de fundamental importância o cuidador agir com empatia, afeto, respeito e uso de comunicação não violenta, a fim de evitar e/ou amenizar angústias e frustrações, bem como estabelecer regras sem ameaça ou punição, promover atividades que trabalhem o lúdico, a autoestima, a autopercepção, a individualidade e demais experiências que possam ser positivas em termos de vivência e que colaborem para o desenvolvimento da criança como um todo.

Por fim, ressalta-se a necessidade de desenvolver outros estudos a respeito da presente temática, a fim de compreender melhor sobre a atuação e qualificação do cuidador e dos demais profissionais que trabalham nos abrigos, assim como buscar estudos que destaquem sua importância na vida de crianças em contexto institucional. Tais pesquisas podem colaborar na criação de um projeto que viabilize um cuidado personalizado e para demais ações que favoreçam o vínculo afetivo.

Referências

Alexandre, D. T., & Vieira, M. L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas

que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), p. 207-217.

Brasil. (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Bório, T. C., Gabatz, R. I. B., Milbrath, V. M., Schwartz, E., & Vaz, J. C. (2020).

Institucionalização infantil: revisão acerca da interação dos cuidadores com a criança.

Brazilian Journal of Health Review, 3 (1), p. 626-643.

Boton, A. E., Oliveira, I., & Natã, O. M. F. (2017). Crimes contra a dignidade sexual -

Estupro de vulnerável. *Revista de Estudos Jurídicos*, 2 (27).

Caieiro, A. L., & Vieira, L. S. (2013). A importância dos afetos e da socialização no

desenvolvimento de uma criança institucionalizada: o estudo de caso da Maria Flor.

Revista AMazônica, 6(11), 104-171.

Carmo, P. H. B. & Alvarenga, P. (2012). Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes

níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, 17 (2), p. 191-197.

Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C., & Pontes, F. A. R. (2007). Institucionalização

precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o

desenvolvimento. *Aletheia*, 25, p. 20-34.

Diniz, I. A., Assis, M. O. & Souza, M. F. S. (2018). Crianças institucionalizadas: um olhar

para o desenvolvimento socioafetivo. *Pretextos - Revista da Graduação em*

Psicologia da PUC Minas, 3 (5), p. 261-285.

Diniz, E., & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico.

Educar, 36, p. 65-76.

Heumann, S., & Cavalcante, L. I. C. (2018). Rotinas de crianças e adolescentes em

- acolhimento institucional: estudo descritivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70 (2), p. 22-37.
- Lima, F. S. & Veronese, J. R. P. (2012). Os direitos da criança e do adolescente: a necessária efetivação dos direitos fundamentais. *Coleção Pensando o Direito no Século XXI*, 5. Florianópolis: Fundação Boiteux.
- Maia, J. M. D. & Williams, L. C. A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13 (2), p. 91-93.
- Magalhães, C. M. C., Costa, L. N. & Cavalcante, L. I. C. (2011). Percepção de educadores de abrigo: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano - RBCDH*, 21 (3), p. 818-831.
- Nascimento, R.D.M. & Pedroso, J.S. (2013). Reflexões acerca da experiência de observação de um bebê abrigado. *Revista Mal-Estar Subjetividade*, 13 (1-2), p. 369, 386.
- Oliveira, S. V., & Próchno, C. C. S. C. (2010). A vinculação afetiva para crianças institucionalizadas à espera de adoção. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30 (11), p. 62-84.
- Parra, A. C. O., Oliveira, J. A., & Maturana, A. P. M. O paradoxo da institucionalização infantil: proteção ou risco? *Psicologia em Revista*, 25 (1), p. 155-175.
- Silva, B. E.; Rossi, J. P. G.; & Lanas, J. U. (2018). Crianças acolhidas: questões sobre vínculo afetivo e desenvolvimento infantil. Entrevista com Manuela García Quiroga. *Revista Educação e Linguagens*, 7 (13), p. 7-18.
- Villaça, L. (Diretor). (2009). *O contador de histórias* [Filme]. Ramalho Filmes, Nia Filmes e Warner Bros. Pictures. Recuperado em 18 de fevereiro de 2022

<https://www.youtube.com/watch?v=kRJwQg-oavc>